

# **FUNÇÃO PEDAGÓGICA E FORMATO AUDIOVISUAL DE VÍDEO PARA PROFESSORES:A PROPOSTA DO CURSO “TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE”**

Vânia Lúcia Quintão Carneiro - Faculdade de Educação –UNB

GT – 16

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

## **INTRODUÇÃO**

Há uma cultura audiovisual eletrônica proporcionando aos jovens informações, valores, saberes, outros modos de ler, outras percepções (Ferrés,1996; Babin, 1989). Os complexos processos de comunicação da sociedade é meio difuso de informações, linguagens e saberes, descentralizado em relação a escola e livro, centros que organizam o sistema escolar vigente (Martin-Barbero,1999).

Há crescente demanda por formação, conhecimento, atualização de professores para assumir a responsabilidade pela transformação da escola em ambiente de aprendizagem atual.

Em 2000, para 30 mil vagas do Curso de extensão a distância *TV na Escola e os Desafios de Hoje* (UniRede e SEED/MEC) inscreveram-se nacionalmente 250 mil professores.

O curso destina-se a educadores do ensino público fundamental e/ou médio, grupo heterogêneo com diferentes níveis de formação acadêmica e práticas pedagógicas. Objetiva preparar o educador para a integração do audiovisual à prática pedagógica, o que significa introduzir - mais que um aparato tecnológico - outra linguagem, a audiovisual, outro modo de pensar e perceber num espaço onde as atividades se apóiam nas linguagens escrita e falada.

Considera-se o audiovisual um modo de expressão que possui

especificidades, modo de significar diferente das mediações falada ou escrita e da mediação da informática, com conseqüências sobre a maneira de ensinar e sobre o modo de aprender. (Jacquinot, 1994)

Pressupondo que professores cursistas são telespectadores habituados a qualidade técnica e narrativa de produtos audiovisuais, como aliar essa qualidade à pedagógica? Como conceber um vídeo que atenda às exigências de formulação audiovisual e de objetivos educativos do curso? Como produzir vídeos que respeitem a especificidade do meio e veiculem informações sobre o conteúdo do curso? Quais funções didáticas podem ter no ensino e na aprendizagem dos professores cursistas?

### **Necessidade da mediação entre conteúdo e linguagem audiovisual**

Educação a distância é espaço aberto a inclusão de mídias. Nas três últimas décadas do século XX, televisão e rádio, áudios e vídeos, redes, correio eletrônico, *internet* se incorporaram ao ensino a distância. Inicialmente, programas de TV eram transmitidos ao vivo, exceto os realizados em película de cinema. O videocassete foi transformação tecnológica que ampliou as possibilidades pedagógicas de utilização do audiovisual.

Hoje da união entre informática, telecomunicações e o audiovisual tem-se um novo sistema eletrônico de comunicação de alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial que coloca novos desafios para a educação (Castells, 2000) Como parte dos desafios atuais há necessidades de formação e capacitação de educadores, de deslocamento do ensino para as aprendizagens, de adequação entre suportes tecnológicos, expressividade mediática, conteúdos e objetivos educacionais.

O conteúdo do curso *TV na Escola* parece exigir a conexão conteúdo e

formulação audiovisual por abordar a tecnologia audiovisual não limitada aos suportes e enfatizar: tecnologias e linguagens audiovisuais, (módulo1: Tecnologias e educação: desafios e a TV Escola); concepções e funções do audiovisual na educação (módulo2: Usos da TV e vídeo na escola) e processos de produção audiovisual em educação (módulo3: Experimentação: planejando, produzindo, analisando).

Grande parte da atração da televisão em todo espectador apóia-se na construção formal e nas técnicas narrativas da imagem e som.

Vídeo é mídia eletrônica que opera na interseção de linguagens de cinema, teatro, literatura, rádio, computação gráfica e acrescenta recursos expressivos específicos. É discurso impuro que reprocessa formas de expressão colocadas em circulação por outros meios, atribuindo-lhes novos valores. Sua especificidade está na síntese dessas contribuições. A linguagem audiovisual é fenômeno cultural decorrente do desenvolvimento de técnicas e meios de expressão, pressões socioeconômicas e demandas estéticas de uma época ou um lugar. Para Machado (1997), a estrutura de mensagens “recorrentes circulares” reitera idéias e sensações a cada plano ou assume a dispersão ao organizar a mensagem em painéis fragmentários e híbridos, como na técnica da *collage*.

Desafio na produção educativa é explorar possibilidades técnicas e expressivas do vídeo respeitando os objetivos pedagógicos do curso. É fazer vídeo educativo, interessantemente.

Da perspectiva de produção de materiais para a EaD, Belloni considera a mediatização forma de apresentar conteúdos didáticos ao elaborar mensagens que potencializem as virtudes comunicacionais do meio técnico escolhido, possibilitando aprendizagem autônoma e independente. (Belloni:1999:64)

Como conceber vídeos que atendam as exigências de formulação

audiovisual e os objetivos educativos do curso a distância? Como produzi-los respeitando a especificidade do meio e veiculando informações de conteúdo? Como utilizar não a linguagem do livro, mas a audiovisual?

### **Retorno do tradicional formato “aula gravada”**

Desde a década dos 70 experimentam-se estratégias que parecem distanciar-se dos procedimentos tradicionais do ensino em sala de aula. Avançou-se ao promover nos programas educativos aproximações da finalidade educativa com a especificidade da linguagem audiovisual.

Nos últimos anos, a teleconferência tem sido a forma audiovisual de ensino a distância mais usada. Embora reconhecida como importante recurso pedagógico dentre várias concepções, nela prevalece o método tradicional de ensino expositivo, porque tenta imitar cursos presenciais que transcorrem interativamente, em tempo real. (Petters: 2001:251). Atualiza-se o formato tradicional de vídeo educativo centrado na transmissão de informações, ao acrescentar interatividade em tempo real. Reedita-se a concepção de programa educativo em TV/Vídeo limitada a aulas, conferências, palestras, debates, como oficialmente definiu o decreto-lei 236 (1967).

Aulas, cursos, conferências, entrevistas gravadas em vídeo ou transmitidas por televisão consistem nos programas educativos que mais se afastam da linguagem televisual. Utilizam o meio audiovisual limitado às técnicas de registro de transmissão, sem preocupar-se em despertar interesse ou atrair público, porque pressupõem público cativo. Segundo Jacquinet, aulas gravadas (teleaulas ou videoaulas) enquadram-se no modelo clássico de filme pedagógico que atende às exigências de uma intenção didática, ignorando formulação audiovisual.

Durante muito tempo, as críticas mais freqüentes a programas educativos em TV/Vídeo têm sido essa redução a simples veículo do discurso professoral e à não-exploração das possibilidades expressivas

do audiovisual. A concepção dominante de programas educativos refere-se a situações tradicionais de comunicação em sala de aula, objetos escolares, linguagem do livro, exposição professoral, relação de comunicação mecânica/tradicional entre professor e alunos. A relação pedagógica consiste explicar o mundo a alguém que não o sabe, referenciado pelo saber constituído.

Daí programas de televisão intencionalmente educativos serem vistos como gênero inferior, incompatíveis com a linguagem da televisão e a do cinema. Associa-se a presença da finalidade educativa em programas de televisão à exigência de subserviência da modalidade expressiva (cinematográfica, televisiva, artística) e à perda da especificidade dessa modalidade. “Sempre um pouco envergonhado de não ser verdadeiramente cinema - entendemos cinema ficcional ou narrativo - , o filme pedagógico procura ou bem parecer com o filme ficcional e rejeita ser didático para não ser aborrecedor, ou bem vira as costas ao cinema ficcional e aceita ser aborrecedor por ser seguramente didático”.<sup>1</sup>

As raízes mais profundas para a resistência a não utilização *do potencial visual e narrativo da televisão nos programas instrucionais de televisão*, segundo Cassirer (1961), estavam na resistência da educação às emoções. Dentro de um processo de educação identificado com racional, as emoções são consideradas como “fator de desequilíbrio e perturbação”, ainda que se reconheçam nas emoções um estímulo essencial para a educação. Havia o receio de imprevisíveis formas de atração que distraíssem a atenção do espectador do objetivo principal.

White & Thomas (1996, p.52), em estudo sobre pesquisas relacionadas a experiências de educação a distância constataram a falácia da idéia de que, “se a informação fosse apresentada de maneira clara e séria, os ouvintes seriam convencidos de suas vantagens

---

<sup>1</sup> Jacquinet 1977, P.18

‘óbvias’, através de argumentos racionais”. Recrutavam, para produtores, professores, agrônomos, burocratas, que se caracterizavam por estilo pesado, didático e autoritário. As primeiras experiências estruturaram-se em função de métodos de ensino convencionais e fracassaram em sua maioria. Sabe-se, hoje, que as “transmissões devem usar dramatizações, humor , um ritmo rápido e um toque pessoal.

Para Jacquinet (1994), o reaparecimento de velhos formatos de programas/vídeos educativos como cursos gravados ou teleconferências reativa problemáticas de mediação audiovisual com finalidade didática.

Petters (2001) destaca a necessidade dos responsáveis pelo ensino fundamentado em teleconferência irem adiante da mera ampliação tecnológica de uma aula acadêmica, explorar as possibilidades singulares dos instrumentos tecnológicos disponíveis; buscar modernas formas de aprendizagem e distanciar-se das convencionais; melhorar e otimizar os recursos didáticos. Defende os protestos contra a pretensão do modelo de teleconferência que ignora os avanços do ensino a distância e se coloca como novo paradigma.

Que funções didáticas pode desempenhar o vídeo educativo num curso a distância de formação de professores?

### **Concepção e produção de vídeos no curso “TV na Escola”**

Para produzir vídeos que contemplem as exigências de formulação audiovisual e de objetivos educativos, a principal demanda é irem além de meros suportes à transmissão de conteúdos e se afirmarem como meio desafiador que provoque aprendizagem. Colocar o vídeo a serviço da análise de mensagens, da formação de atitudes de observação, de desenvolvimento de trabalhos experimentais de criação de mensagens. Deve aproximar-se do programa motivador fundado na “pedagogia do depois”, sem restringir a transmissão de informação em que se modela a “pedagogia do enquanto”. ( Ferres,1996.) Cabe-lhe informar, criar

expectativas, surpreender, conquistar o telespectador, oferecer pontos de fuga enriquecedores, promover a discussão posterior, o estudo, a pesquisa. É importante relacioná-lo dinamicamente com o impresso, o desejo de aprender, de explorar livros, revistas e outras mídias para compreender e dominar o objeto do conhecimento.

Acredita-se que "um dos veios promissores para o desenvolvimento da aprendizagem através da televisão, desde que elaborado com criatividade e competência, pode ser a interação do compromisso educativo com a narratividade, com o conflito e as emoções." (Braga, 1997)

Como destaca Tornero (1994) o processo de produção de um programa educativo não difere muito do processo usual de produção de um programa de televisão e vídeo. Mas para evitar a "verticalidade" na transmissão da informação deve em primeiro lugar colocar-se como prática de experimentação e de aprendizagem.

## **Formato**

Inserir uma família fictícia envolveu polêmica. A dinâmica familiar é importante para compreender apropriações e construções de sentido que pessoas fazem de mensagens audiovisuais, para refletir sobre as influências que a escola e a TV exercem nos estudantes. O universo escolar se fez presente a partir da mediação dessa família (e de alguns entrevistas com professores). Várias mediações se cruzam no espaço da recepção, no cotidiano. Por meio de situações numa família fictícia chegaríamos a demandas, motivações, questões, idéias pertinentes ao conteúdo do curso.

A estrutura dos vídeos compõe-se de blocos que se fragmentam por seqüências com formatos diferentes. Envolvem situações cotidianas de uma família fictícia, depoimentos de especialistas, cursistas, cartelas com questões que remetem ao material impresso e/ou à prática

pedagógica. Realidade e ficção se misturam. O objeto a ser conhecido surge em questões que despertam necessidade de estudo, motivam buscar entendimento, facilitam sua apropriação, incentivam a experimentação. São quatro a cinco blocos por programas de 15min. Cada um deles apresenta as seqüências:

- narração *off* = acompanhada por imagens de arquivos e externas; espaço para exposição de idéias fundamentais do texto básico
- cenas de família = problematizam uma situação
- entrevista com especialistas e cursistas = apresentam diferentes vozes que aprofundam e enriquecem o debate
- cartela com questão para o cursista refletir

Para avaliar os vídeos os cursistas receberam questionário não identificável, contendo perguntas sobre os vídeos do curso (ver anexos). A avaliação muito depende do uso que os cursistas fizeram. Foram tabulados até agora 790 questionários.

Quando indagados se o vídeo despertava interesse, 86% disseram “sim”. Os aspectos que mais despertaram a atenção foram modo de tratar o tema (54%), tema abordado (44%) e motivação para realizar outra atividade (11%). Quando indagados se vídeo informa, 92% responderam “sim”. Para 71%, o formato transmite informações e simultaneamente motiva para o estudo. (ver tabelas anexas)



Para se chegar a esse formato final aceitou-se o risco de não-aceitação, de quebrar a expectativa de encontrar no vídeo a repetição do material impresso, a tradução audiovisual dos conteúdos. De incomodar por não oferecer o pronto, de incitá-lo a ampliar informações, estudar o texto impresso, consultar fontes. Situações adversas como o tempo curto chegaram a comprometer parte do trabalho que foi feito.

Temos que reconhecer como Braga que apesar do muito que se têm feito " a questão na verdade está apenas começando - e já agora sem deslumbres, sabendo que não há nem haverá fórmulas mágicas. E aí se percebe que muita experiência tem sido feita. A cada momento sabe-se um pouco mais que na véspera. (Braga, 1997)

Um vídeo não é o produto de um só pessoa. Vídeo é um produto de um grupo de profissionais. Cada um dos participantes desempenharam funções importantes na produção dos vídeos. Numa produção de vídeo educativo, a existência de objetivo de aprendizagem e de um conteúdo específico exige profissionais em educação na equipe. Roteirista e diretor não podem ignorar a especificidade e relevância de conteúdo e objetivo pedagógicos. Por outro lado, os educadores também têm que atentar para as especificidades de uma produção audiovisual. Produzir vídeo em educação é experimentação, ensaio-e-erro, aprendizagem

#### Referências Bibliográfica

BABIN , P., KOULOUMDJIAN, MF. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual ao computador.* São Paulo, Paulinas, 1989 , p.88-89

BELLONI, M. L. Educação a Distância. Campinas, SP:Autores Associados, 1999. BRAGA, J. L. Meios de comunicação e linguagens: A questão educacional e a interatividade. REVISTA LINHAS CRÍTICAS. Brasília, v.5, n.9, jul. a dez.99, p. 149-157.

BRAGA , J. L. Prefácio IN: CARNEIRO, V. L. Q. *Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento*. São Paulo, Annablume, 1997

CASSIRER, H. R. *Televisión y enseñanza* .Buenos Aires, Solar, 1961.

CARNEIRO, V. L. Q. *Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento*. São Paulo, Annablume, 1997.

\_\_\_\_\_ *TV na Escola e os Desafios de Hoje: TV/Vídeo na comunicação educativa: concepções e funções*. UniRede e SEED/MEC. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

FERRÉS, J. *Vídeo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.

JACQUINOT, G. *Image et pédagogie*. s.l. Presses Universitaires de France, 1977.

JACQUINOT, G. , LEBLANC, G. (coordination). *Les genres télévisuels dans l'enseignement*. Paris, Hachette, 1996.

LITWIN, E. Das tradições á virtualidade IN: LITWIN, E. (ORG.) *Educação a Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*, Porto Alegre, Armed, 2000

MACHADO, A *O vídeo e sua linguagem*. Revista USP, nº 16, dez/jan./fev. 92-93.

MARTIN-BARBERO, J., REY, G. *Los ejercicios del ver: hegemonia audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona, Gedisa, 1999.

PETERS, Otto. *Didática do ensino a distância*. São Leopoldo, Unisinos, 2001

TORNERO, J. M. P. *El desafio educativo de la televisión*. Barcelona: Piados Ibérica, 1994

WHITE, A R., THOMAS P. *Transmissão Educativa e Desenvolvimento*. COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE, São Paulo,

5: 51 a 61, jan./abr. 1996.

VILCHES, Lorenzo. La televisión: los efectos del bien y del mal.

Barcelona: Paidós, 1993.